

Jornal Klebinho em Ação: o protagonismo juvenil na produção de conteúdo em comunicação no ensino fundamental

Camila Campos Costa
Heitor Antônio Gonçalves

1- O início da jornada

Com aproximadamente três anos de existência e dois anos de reformulação, o Jornal Klebinho em Ação é um projeto de extensão universitária desenvolvido no âmbito do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores – LIFE¹ sob coordenação de um professor² do Departamento de Ciências da Educação e de uma acadêmica de comunicação social. O projeto apresentou,

-
- 1 LIFE/UFSJ: Laboratório de uso comum das licenciaturas da UFSJ tendo como um dos objetivos uma formação contextualizada de qualidade e interdisciplinar, promovendo a interação entre diferentes cursos e proporcionando o desenvolvimento de metodologias voltadas para a inovação das práticas pedagógicas. (Portaria CAPES nº 104, de 13 de julho de 2012)
 - 2 O projeto é coordenado pelo professor Heitor A. Gonçalves do Dpto. de Ciências da Educação- DECED/UFSJ.

em sua execução, alto potencial educ comunicativo ao implementar processos de construção coletiva de conhecimento e diálogo em uma perspectiva de transformação social.

A instituição que acolheu o projeto foi a Escola Municipal Doutor Kleber Vasques Filgueiras, localizada em um bairro de periferia de São João del Rei. Fundada em 1968, a escola³ recebe cerca de 503 estudantes no período matutino e vespertino, da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. O projeto se propôs a elaborar, a partir das produções dos estudantes, um jornal escolar construído e pensado para valorizar o protagonismo dos alunos junto a comunidade escolar. Em nossa região há um número limitado de experiências de produção de conteúdos de comunicação, nos moldes pretendidos, e existe um número restrito de pesquisas que relatam e analisam essas experiências numa escala mais ampla. Desse modo ainda há pouca produção sistematizada, principalmente sobre a criação de jornais e conteúdo em comunicação no Ensino Fundamental.

2- Fundamentação teórica

Foi após a renovação do currículo e das metodologias de ensino empregada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998), e pela ampliação do debate sobre o ensino de linguagem realizada no interior dos estudos de gêneros textuais e dos letramentos, é que a utilização do trabalho com a produção de jornal escolar ganhou espaço e maior relevância. Como incentiva os PCNs:

uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escritos, que devem permitir, por meio da análise e reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e a construção de instrumentos que permitam ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva (PCN, 1998, p. 27)

Desde a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 a dos PCNs destaca-se a importância de se superar a perspectiva conteudista e fragmentada do conhecimento em

3 Informação disponibilizada pela direção da escola. De acordo com a mesma, apesar do contexto do bairro a taxa de evasão recente é zero.

direção à visão interdisciplinar de ensino. Deste modo, o jornal escolar se apresenta como uma ferramenta importante na prática da metodologia proposta. A abordagem privilegiada com essa metodologia se deve à importância social do jornal, à sua tecnologia de execução relativamente simples e às possibilidades de autoria e protagonismo que ele oferece a alunos, professores e comunidade escolar de modo geral (BONINI, 2011).

Freinet (1974) estabelece uma correlação entre a cultura escolar e o conhecimento. Segundo o pesquisador, pelo jornal escolar

[...] a experiência, o conhecimento e a cultura vêm de baixo, da vida das crianças do povo. Em vez de considerar como nulos os hábitos de vida e os costumes que são, afinal de contas, determinantes de todo o comportamento social, partimos deliberadamente desta realidade: as crianças contam, exatamente como os pequenos franceses, o essencial da sua vida, tão diferente aliás, em tantos pontos, da nossa. (FREINET, 1974, p 39).

Diante da reflexão sobre os principais pontos de abordagem e levando em consideração o contexto favorável de aplicação, o jornal é mais comumente utilizado no trabalho escolar na área de linguagem, de modo que há importante conjunto de dados para pesquisa e discussão do assunto. Contudo, o aspecto central na produção do jornal Klebinho em Ação foi valorizar os processos coletivos que envolvem a produção de comunicação e não necessariamente gramática ou gêneros discursivos, por mais que estes estejam intrínsecos na preparação dos conteúdos a serem publicados.

Além de vivenciadas no ambiente escolar, as consequências das ações desenvolvidas tendem a ampliar-se aos diferentes contextos sociais dos estudantes, como comunidade, família e demais relações sociais. Deste modo, a Educomunicação, enquanto campo de intervenção social, aumenta as dinâmicas de intervenção social, conforme propõe Soares, a Educomunicação:

[...] designa um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, apresenta-se hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os segmentos humanos, especialmente da infância e da juventude (SOARES, 211, p. 15.)

No aspecto social e público, o projeto estabelece uma conexão entre produção de um jornal como uma ação na linha da “metodologia de projetos” considerando as especificidades destas ações quais sejam: é uma temática que abrange diversas turmas da escola; tem um caráter multidisciplinar; necessita de um planejamento por parte dos atores participantes; questiona as metodologias tradicionais de ensino; tem um claro objetivo pedagógico.

O projeto pretendeu explorar as metodologias de ensino-aprendizagem interdisciplinares, provocar reflexões quanto a experiências pedagógicas no trabalho em equipe e fornecer conhecimento em ferramentas de comunicação na produção do jornal e na criação de conteúdo em comunicação. Nesse sentido, a intenção do projeto é mobilizar os educandos na prática real de trabalho em grupo e proporcionar a autonomia nas criações dos alunos.

Ao abordar o trabalho com projetos na construção do conhecimento escolar, valoriza-se uma prática pedagógica que estimula a iniciativa dos estudantes através da pesquisa, desenvolve o respeito às diferenças pela necessidade do trabalho em equipe, incentiva o saber ouvir e expressar-se, o falar em público e o pensamento crítico autônomo. Esta autonomia, que vai sendo conquistada através da investigação, com toda a diversidade de caminhos percorridos e as competências que os alunos desenvolvem no decorrer de tais práticas, promovem sua autonomia intelectual (OLIVEIRA, 2005).

A metodologia de projetos permite que professores despertem o interesse e a participação de seus alunos para uma aprendizagem mais efetiva permitindo maior desenvolvimento pessoal e cognitivo. Segundo Oliveira,

As metodologias tradicionais têm sido pouco eficientes para ajudar o aluno a aprender a pensar, refletir e criar com autonomia soluções para os problemas que enfrenta. Os alunos acumulam saberes, mas não conseguem aplicar seus conhecimentos em situações reais do dia-a-dia. Encontra-se, no trabalho com projetos, uma proposta de educação voltada para a formação de competências, que pretende que a aprendizagem não se torne passiva, verbal e teórica, mas que tenha a participação ativa dos alunos. (OLIVEIRA, 2006, p.11)

As ações decorrentes da implantação e desenvolvimento dos projetos, além de estimularem a parceria entre professores, alunos e escola, favorecem a autonomia intelectual do educando na medida em que este se torna protagonista de sua aprendizagem.

Ao fomentar a criticidade, a autonomia e a criatividade dos estudantes, a produção do jornal escolar abre uma nova janela sobre a comunicação, apontando a produção de conteúdo como algo tangível a qualquer indivíduo e não apenas a determinados meios formais, institucionalizados e ou com fins empresariais.

Das ferramentas em comunicação autônomas e populares, o fenômeno da comunicação popular e alternativa aponta o caminho para “uma comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista”. Ressaltando os aspectos educativos desse tipo de processo de comunicação, as mensagens são produzidas “para suscitar uma reflexão”, ou ainda “para gerar uma discussão”. Por tanto, traz novos olhares sobre o cotidiano, para quem produz a informação e para quem lê. Incentiva a formação de cidadãos mais críticos, questionadores e capazes de fazer ecoar novos discursos à hegemônica comunicação perpetuada pelos grandes meios de comunicação contemporâneos que, em grande escala, influenciam no processo de formação de valores individuais e coletivos da sociedade (KAPLÚN,1985).

Esta ação possibilita que o conhecimento tratado na academia possa ultrapassar os limites da instituição retornando ao público um serviço de qualidade com objetivos de fortalecer os laços entre estas instâncias e permitindo que a universidade cumpra, entre outros, seu papel social.

3- Desenvolvimento do projeto

3.1- A experiência de 2017

O primeiro desafio encontrado ao se iniciar os trabalhos referentes ao projeto no ano de 2017 deu-se a dificuldades concretas que a escola apresentava em relação a horários, sobrecarga de tarefas das professoras⁴ no dia a dia escolar

4 Aqui tratarei no gênero feminino dado que 100% das professoras da escola são mulheres.

e pouco tempo para envolvimento das gestoras da escola. A proposta do jornal em abranger toda a comunidade escolar perpassa por envolver esses agentes na construção.

No âmbito pedagógico, se coloca nas instituições escolares o desafio de encontrar alternativas aos métodos tradicionais de ensino que vem sendo insuficientes no que tange ao estímulo a criatividade, a liberdade e a autonomia do aluno. Deste modo, o projeto tem o objetivo de ressaltar esses pontos, além de estimular a interdisciplinaridade, postura esta que busca fortalecer uma escola que atenda às necessidades atuais de formação de um estudante crítico e que, ao mesmo tempo, possua conhecimentos e arcabouço cognitivo para prosseguir nos estudos e/ou entrar no mercado de trabalho.

Logo, a partir desses pressupostos, foi iniciado um processo de convencimento em relação a importância do projeto e os frutos que este poderia trazer a instituição, desde apresentar alternativas aos métodos pedagógicos convencionais até produzir não só comunicação, mas a memória da escola para as gerações seguintes. Com o tempo, o primeiro obstáculo foi superado parcialmente, haja vista o contexto estrutural de desvalorização e condições de trabalho ruins do professor⁵, o que em alguns momentos dificulta o comprometimento integral ao projeto.

O segundo grande obstáculo foi desenvolver um método de organização na produção do jornal que representasse a gama de alunos da instituição, do ensino básico ao fundamental. Foi então criado o Conselho Editorial do Klebinho em Ação. Composto por alunos dos anos finais do ensino fundamental, professores e direção, o Conselho Editorial participou das etapas de escolha de pauta, produção das matérias e distribuição. Nas reuniões de pauta do conselho, o incentivo a participação e autonomia dos estudantes foram primordiais e trouxeram resultados significativos em relação à construção coletiva e colaborativa de toda a escola.

5 Pesquisa Profissão Docente de julho de 2017, feita pelo Todos Pela Educação aponta que 49% dos professores não recomendam a própria profissão para seus alunos.

Além disso, acreditamos que o envolvimento de alunos nesta ação tem uma dimensão educativa no sentido de colocar os educandos em contato com as decisões sobre o material a ser publicado.



Figura 1: Primeira reunião do conselho editorial realizada em agosto de 2017. Nela constam seis alunos dos anos finais do ensino fundamental, uma professora do ensino fundamental e duas gestoras.

Durante a aplicação das ações organizativas três questões se apresentam. A primeira em relação à escolha dos alunos que fariam parte do conselho. Dado ao ainda baixo envolvimento da comunidade escolar e até por não prevermos que essa era uma etapa importante, as professoras escolheram os alunos. Posteriormente, foi avaliado que era preciso aprimorar essa etapa. Tanto porque esses alunos e alunas representam o conjunto dos estudantes, mas também porque daria crédito a estudantes que de alguma forma já se destacam, podendo perder um pouco o caráter de abrangência do projeto.

A segunda questão foi em relação aos horários de reunião. Os estudantes precisavam se ausentar de outras matérias para participar, o que poderia trazer ônus ao seu desempenho escolar. Ainda em relação ao horário, alunos da Educação Infantil não participavam da equipe, pois os horários de aula não eram condizentes com do Ensino Fundamental I.

Considerando o pouco conhecimento de técnicas jornalísticas para a produção das matérias, o trabalho foi realizado de acordo com as limitações técnicas ou discursivas apareciam. Dado essas circunstâncias, foi dificultoso a edição das

matérias em padrões jornalísticos formais e os resultados tenderam a textos bem opinativos.

Ainda assim, o jornal foi concluído de forma exitosa e contribuiu para uma interação entre professores, alunos e comunidade escolar, além de ter sido um fator de estímulo e motivação para o desenvolvimento da leitura e aprendizado. Proporcionou um espaço onde as produções dos alunos foram divulgadas e valorizadas na família e na comunidade, gerando um salto de qualidade na relação do projeto com a escola, que no ano seguinte se mostrou mais entusiasmada com a proposta. Muitos desafios encontrados nesta edição foram superados no ano seguinte.



Figura 2: Capa da edição do Jornal Klebinho em Ação de 2017 publicada no mês de Novembro.

3.2- A experiência de 2018

Considerando que esta foi a segunda etapa de um processo já iniciado, o projeto se manteve na mesma escola da rede municipal. Cientes dos obstáculos do ano anterior nos antecipamos através de um planejamento mais profundo em relação aos objetivos e metodologia.

Tivemos como objetivo geral elaborar um jornal escolar impresso e conteúdo em comunicação online a partir das produções de alunos do Ensino Funda-

mental de uma escola da rede municipal de ensino da cidade de São João Del Rei envolvendo toda a comunidade escolar. Como objetivos específicos foram estabelecidos: discutir o conceito de linguagem midiática; discutir comunicação social, jornalismo e comunicação popular; ensinar o fundamental em gêneros jornalísticos. (não nos arriscamos a aprofundar dado que toda a dimensão do projeto era realizada por apenas uma estudante de comunicação social); estimular a leitura e a produção de textos; promover a interdisciplinaridade na produção de pautas jornalísticas; estimular a criatividade e a reflexão do aluno ao seu redor na criação de informação; desenvolver a concentração e estruturação de ideias em torno de uma finalidade objetiva; promover o trabalho em equipe; oferecer capacitação técnica a alunos e professores em ferramentas básicas em comunicação; estabelecer etapas de produção; Constituição do Conselho Editorial: decidir, em acordo com a diretoria da escola, professoras, alunos da sala e comunidade externa, representantes para compor o Conselho Editorial.

Procuramos um aprimoramento técnico e uma discussão reflexiva, momento em que os estudantes fizeram oficinas sobre linguagem midiática, comunicação social e jornalismo no Brasil, além de oficinas de capacitação em produção de conteúdo comunicativo. Estabelecemos uma escolha de pautas, ação esta em que o conselho fez a seleção das pautas que, posteriormente, se tornaram matérias a serem publicadas no jornal e na web, planejaram as datas de publicação e *Deadline* (Último prazo para que a que matéria seja fechada/concluída). A produção das matérias foi o momento em que os alunos pesquisaram sobre as pautas selecionadas, criaram textos, fotos e vídeos para a produção de conteúdo em comunicação. Na fase de produção do jornal, editamos as matérias, selecionando fotos e diagramando os textos do jornal, além de toda a parte estético-visual. Ainda em execução, procuramos envolver ao máximo os alunos e comunidade escolar no processo de distribuição do jornal e de divulgação dos meios online na comunidade.

Um importante passo neste ano foi a ampliação do Conselho Editorial. Através de uma reformulação, foram incluídas turmas do ensino integral⁶ na pro-

6 Programa Mais Educação, do Governo Federal, lançado em nove escolas municipais de São João del-Rei em 2015 através da prefeitura da cidade.

dução do jornal. As consequências concretas dessa mudança proporcionaram a expansão do conselho para todos os anos do ensino básico e fundamental, visto que em um determinado horário todos estariam na escola. Um segundo ponto significativo foi que os estudantes raramente precisaram se ausentar de aulas, pois o planejamento do tempo integral já contava com o projeto incluso na programação.



Figura 3: Reunião do conselho editorial da edição de 2018, realizada no mês de setembro.

Oficinas

Na medida em que a experiência de 2017 nos expôs a centralidade do processo de formação juntamente a elaboração do jornal, optamos pelas oficinas como alternativa. Divididas em quatro módulos, todas as turmas do ensino integral participaram da formação:

Módulo 1- O que é Jornalismo

Módulo 2- Entrevista

Módulo 3- Oficina de Fotografia

Módulo 4- Oficina de Vídeo

Em dissonância com a corrente que reduz o saber à escolarização, à erudição acadêmica, ao arquivo de informação ou à mera assimilação de conceitos, procuramos trabalhar numa perspectiva mais integradora durante as oficinas. Des-

de a utilização de rodas durante o curso até a elaboração coletiva, tradução e socialização do conhecimento, tornamos possível uma rica troca de experiências entre educandos e educadora.

O processo de educar não é mera transmissão de conhecimento, devendo haver uma troca de ensinamentos e aprendizagens entre educador e educando. O educador deve estar aberto aos questionamentos e dificuldades dos alunos. Todavia, se o aluno foi submetido a um falso ensinar, não significa que o educando, dado a sua capacidade de arriscar e questionar, não possa superar este problema, pois ensinar não é transmitir conhecimento, e sim criar as possibilidades para a sua própria produção (FREIRE,1996).

Os desafios da educação em um contexto de estrutura rígida que reproduz uma educação bancária (FREIRE,1996) são inúmeros, incluindo-se a postura dos próprios alunos. A lógica da participação, condicionada à autoridade ou recompensa sempre estava presente na expectativa da turma, durante as aulas. Mesmos com essas dificuldades, as oficinas foram produtivas e com o tempo os estudantes passaram a compreender a proposta em curso.

Desta forma, o diálogo e a participação mútua proporcionaram momentos ricos em reflexão. Como, por exemplo, no “Módulo I - O que é Jornalismo”, foi feita a seguinte pergunta para estudantes com média de 6 anos de idade: “Do que você se lembra quando ouve a palavra jornalismo?”. As respostas eram “homem baleado”, “criança desaparecida”⁷ ou palavras que remetem-se a violência. No Brasil e no mundo, a notícia, desconectada de seu papel social de informar o cidadão, foi deslocada para a função de produto, fato que alavancou a produção de jornais sensacionalistas.

Um jornal sensacionalista pode ser definido como aquele que noticia informações “espetacularizadas” com elementos desproporcionais, destacados ou subtraídos, fazendo uso de temáticas como violência, escândalos, perversões sexuais, dentre outras que atraíam o leitor pelo impacto da informação. Através do jornalismo factual e dos *fait divers* (fatos diversos), o que se sobressai

7 Na semana da oficina uma criança avia desaparecido na cidade de Araçariguama, em São Paulo e a notícia repercutiu por semanas nos principais jornais televisivos.

do acontecimento não é a informação em si, mas o ilícito, o cruel, o destino e a morte rompendo com a rotina do indivíduo. (MORIN,1997)

Prontamente, tendo a notícia como produto comercializável, obtendo a eficácia da “representação dramática dos fatos” (sensacionalismo) e com característica mercadológica no campo do jornalismo-publicitário, torna-se maior a pressão de interesses privados em relação a esta imprensa. (HABERMAS, 1984). Fato que justifica o crescimento desse gênero de comunicação e a realidade de exposição que essas crianças do Ensino Fundamental estariam.

Assim sendo, as oficinas ministradas para a faixa etária de 6 a 8 anos tinham o intuito de clarear a real função das mídias de comunicação. Abordamos juntos alguns conceitos como informação, jornalismo, público e privado, função social ou prestação de serviço, entre outras. Para os estudantes de 9 a 11 anos, as respostas para a mesma pergunta giravam em torno de “acho chato”, “política” e “corrupção”. Existia, mais claramente, a noção do papel social dos meios de comunicação. No entanto, era limitado o entendimento de quão abrangente é o aspecto comunicacional e que o discurso direcionado a adultos, “chato” de acordo com os estudantes, é uma opção do jornal. Dado que a TV comumente só dirige seu discurso ao público infantil através de publicidade ou em programas que subestimam a cognição das crianças.

É importante destacar que a publicidade voltada à infância pelos meios de comunicação, e principalmente pela televisão, tem um papel vital na formatação de valores e atitudes indispensáveis ao consumismo, desde os seus primeiros objetos de desejo. Quando a criança é ensinada para o consumo, são formatados valores a partir de modelos que são apresentados como ideais. Portanto, ideais de uma sociedade que valoriza quem tem poder de compra e exclui quem não tem acesso a bens de consumo constitui uma “forma mais atualizada de fetiche” (KEHL, 2004).

Alguns alunos inclusive chegaram a questionar a veracidade de certas informações passadas pela mídia ao tentar analisar discursos e a rebater a noção de imparcialidade da mídia, o que superou as expectativas em relação à oficina.

Resultados esperados e situações inesperadas

Durante as oficinas do “Módulo 2 – Entrevistas”, tratamos dos tipos de abordagens possíveis com uma determinada fonte e também, como se comportar

em frente às câmeras em uma entrevista filmada. O experimento causou muita empolgação entre os estudantes e inclusive chegamos a discutir experiências de cobertura colaborativa e as facilidades atuais em desenvolvê-las com ferramentas simples, como telefone celular.

Esse episódio aconteceu no fim do primeiro semestre de aulas, momento em que o projeto entrava em paralisação devido às férias. Contudo, mesmo sem a presença da acadêmica coordenadora do Klebinho em Ação, uma professora do ensino integral e alguns alunos e alunas dispuseram-se a construir a cobertura colaborativa da festa junina de encerramento das aulas.

O conhecimento construído durante as oficinas foram desenvolvidos de forma autônoma pela comunidade escolar, o que expõe o caráter educomunicativo da iniciativa. Apesar de apresentarem algumas limitações técnicas na execução, como falha no áudio de gravação ou carência de roteiro e planejamento, o exercício coletivo de pensar e executar a proposta somado ao trabalho em equipe envolvido foi avaliado positivamente.

Os agentes envolvidos na experiência colaborativa da festa junina demonstraram interesse em criar a TV da escola e nessa ocasião surgiu a TV Klebinho em Ação. O segundo momento em que a TV Klebinho em Ação cobriu um evento foi no desfile de 7 de setembro da cidade de São João del Rei.



Figura 3: Equipe da TV Klebinho em Ação.

Durante a cobertura, a aluna repórter que estava com a tarefa de entrevistar o prefeito da cidade expressou a vontade de questionar ao então gestor em relação a quadra de esportes que o mesmo avia prometido aos estudantes. Reunimos a equipe para decidirmos se faríamos ou não a pergunta e de que forma ela seria realizada, a fim de não destoarmos do roteiro de comemoração cívica, soberania nacional e cidadania, conceitos que trabalhamos no planejamento da cobertura e que norteavam as entrevistas.

Por fim, o consenso foi construído a partir da percepção de que um país forte e que pretende avançar em educação não deveria dissociá-la do direito a esporte e lazer. Sendo assim o questionamento foi incluído na entrevista.

4- Considerações finais

Inicialmente, o projeto previa divulgar suas ações através de um blog. Isto porque, tudo que estava sendo desenvolvido não caberia no jornal e considerando também o contexto tecnológico atual, com à inserção de dispositivos móveis no cotidiano geral. Contudo, hoje são as redes sociais em geral que catalisam essas experiências comunicativas, principalmente o Facebook.

As ferramentas e os gêneros comunicativos sofrem modificações de acordo com o momento histórico em que estão inseridos. Portanto, é o contexto ou situação social que dá origem a um gênero ou ferramenta com suas características peculiares. Dado a infinidade de situações comunicativas é possível perceber que infinitos também serão os gêneros e ferramentas. Assim sendo, avaliamos que o blog já não era essa ferramenta hegemônica comunicativa e não cumpriria a função necessária de comunicar para a comunidade interna e externa sobre o projeto.

Neste momento, notamos que a escola inclusive já possuía um perfil e página no Facebook, e que principalmente através do perfil comunicava sobre as ações da instituição e tinha um grande alcance principalmente com os parentes dos estudantes. Sendo assim, passamos a, através deste perfil, publicar as ações do projeto.

Um proposta central era também um sistema de registros e coleta de dados que nos permitisse analisar, durante o desenvolvimento das ações e a poste-

riori, todo o trabalho desenvolvido na implementação do projeto. Dados que permitiriam avaliar as ações desenvolvidas, detectar os problemas encontrados, as soluções dadas a estes problemas e permitir planejar outras ações deste gênero para o futuro.

Em relação a coleta de dados, foi criado um diário de bordo onde eram descritas as relatorias e impressões em relação às reuniões de pauta e oficinas, que possibilitaram trazer um relato de experiência mais qualificado. Contudo, a documentação das reuniões foi um desafio dado que a mesma pessoa que coordenava as reuniões e ministrava as oficinas fazia o registro.

Por fim, devido ao êxito da experiência, o projeto continua sendo desenvolvido na escola e tem a perspectiva de ampliar e qualificar ainda mais os processos educacionais da execução, além de inspirar a criação de projetos similares na região.

Referências

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Língua portuguesa/Secretaria de educação fundamental*. Brasília: MEC/SEE, 1998.

BONINI, A. *Jornal escolar: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem*. RBLA, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 149-175, 2011.

FREINET, Célestin. *O Jornal Escolar*. Lisboa, Editorial Estampa, 1974.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011. Coleção Educomunicação.

OLIVEIRA, C. L. *A Metodologia de Projetos como recurso de ensino e aprendizagem na Educação Básica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KAPLÚN, Mário. *El comunicador popular*. Quito: CIESPAL, 1985.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, Ed. 34ª, 1996. Coleção Leitura.

MORIN, Edgar. *Culturas de massas no século XX*. Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

HABERMAS, Jûrgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

KEHL, Maria Rita. *Fetichismo*. In: BUCCI, Eugenio e KEHL, Maria Rita. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Sobre os autores

Camila Campos Costa - Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo na UFSJ. Coordenadora do Projeto Klébinho Em Ação. Militante do Movimento Social Levante Popular da Juventude. Obs: O mini currículo enviado junto a inscrição está mais completo.

Heitor Antônio Gonçalves - Professor Associado da UFSJ. Mestre e Doutor em Educação. Atua na formação de professores com foco na teoria dos campos conceituais e tecnologias de informação e comunicação na educação.